

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D618	A diversidade na era pós-verdade [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-871-7 DOI 10.22533/at.ed.717192312 1. Comportamento informacional. 2. Desinformação. 3. Fake news. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 306.4
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“[...] o informador é obrigado a reconhecer que está permanentemente engajado num jogo em que ora é o erro que domina, ora a mentira, ora os dois, a menos que seja tão-somente a ignorância” Patrick Charaudeau.

Buscou-se neste e- book pensar sobre a Educação, a diversidade num mundo de pós-verdade, partindo do princípio que se vive a era da pós-verdade, cujo conceituação é de grande complexidade, pois a “pós-verdade” não se constitui apenas numa mentira, ou meia verdade, ou convicção. A verdade é um efeito discursivo. Esse fenômeno implica na maioria dos casos na prevalência de uma “verdade” sustentada por um raciocínio axiológico e patêmico. Estudar e problematizar a pós-verdade dentro do campo educacional se faz urgente, em especial, quando um dos deveres da escola são o acolhimento e a compreensão da diversidade humana. Assentados nos estudos de autores como Foucault, Angenot, Emediato, Boudon e outros, parte-se da premissa que a pós-verdade acentua-se na sociedade brasileira causando a indisponibilidade ao diálogo, assim, a maior parte das pessoas tendem a tratar as informações como verdadeiras só àquelas que confirmem suas crenças em detrimento daquelas que as invalidam. Cabe a todos sabermos problematizar o caráter retórico da percepção da pós-verdade, olhando para suas derivas, suas dispersões, no sentido de compreendermos como lidamos com aquilo que lemos, vemos, sentimos e agimos.

O século XXI emerge sob égide da complexidade das relações humanas e das mudanças civilizacionais. A complexidade e as transformações atingem a todos de forma implacável, em especial no que tange a educação; ao acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, soma-se a isso o modo como às pessoas interpretam a “verdade” do que ouvem, veem, leem, sentem ou a expressam.

As sociedades contemporâneas parecem viver num paradoxo constante: por um lado temos o neoliberalismo tentando impor-se e, por outro, o clamor da discussão de temas como o da diversidade humana e identitária, reivindicada por diversos movimentos/manifestações constantes em busca do reconhecimento das próprias especificidades (Tosi, 2010).

É necessário que os estudos e as pesquisas foquem no lado social, que busquem maneiras de amenizar as consequências da pós-verdade no ambiente digital, demonstrando aos cidadãos o quão importante é para a sociedade a sua participação na gestão da informação. Com uma sociedade criticamente atuante, que preze pela fidedignidade das notícias e pesquise a realidade dos fatos, independentemente de opiniões pessoais, as fake news, aos poucos, poderá diminuir sua visibilidade e a presença do fenômeno da pós-verdade, no ambiente digital, tende a ser reduzida.

Sendo assim, este e-book tem como objetivo refletir sobre a pós-verdade no campo da educação e da diversidade humana. Como podemos educar os homens para a verdade pautada na ética? Como a pós-verdade põe em risco um dos grandes

desafios da educação é que o de promover o acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, seja dentro ou fora da escola?

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DIVERSIDADE NA PÓS VERDADE: PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Valquíria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Monica Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7171923121	
CAPÍTULO 2	19
AS OFICIAIS DA MARINHA DO BRASIL TITULARES DE ORGANIZAÇÕES MILITARES E SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS	
Vanessa Coelho dos Reis Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7171923122	
CAPÍTULO 3	31
ENCARCERAMENTO FEMININO: A (IN)EFICÁCIA DA POLÍTICA CRIMINAL ENQUANTO VIOLADORA DE DIREITOS	
Daiana Maturano Dias Martil Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7171923123	
CAPÍTULO 4	42
GESTÃO DE PESSOAS E LIDERANÇA: UMA ÓTICA FEMININA	
Lucília Grando	
DOI 10.22533/at.ed.7171923124	
CAPÍTULO 5	53
ESCRITAS DE SI, POLIFONIA E CONSTITUIÇÃO DE REDES NA IMPRENSA LÉSBICA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO DA REVISTA FEMME (1993-1996)	
Carolina Maia	
DOI 10.22533/at.ed.7171923125	
CAPÍTULO 6	64
GESTÃO UNIVERSITÁRIA COM BASES NO FEMINISMO E NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS PERFORMATIVAS	
Bya Braga	
DOI 10.22533/at.ed.7171923126	

CAPÍTULO 7	76
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE NUM MUNDO DE PÓS-VERDADE	
Maria Regina Momesso Solange Aparecida de Souza Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.7171923127	
CAPÍTULO 8	86
MEMÓRIAS EDUCATIVAS DE LÉSBICAS: A MASCULINIDADE FEMININA COMO VISIBILIDADE DA DISSIDÊNCIA	
Keith Daiani da Silva Braga Arilda Ines Miranda Ribeiro Marcio Rodrigo Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.7171923128	
CAPÍTULO 9	92
NEGRAS JOVENS OU JOVENS NEGRAS? UM OLHAR AO RACISMO E AO SEXISMO NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES NEGRAS	
Marjorie Evelyn Maranhão Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7171923129	
CAPÍTULO 10	104
QUEBRANDO IDEOLOGIAS SEGREGACIONISTAS: A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS EMPRESAS	
Iury Fagundes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71719231210	
CAPÍTULO 11	116
REPRESENTAÇÃO FEMININA DENTRO DO SISTEMA DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO	
Raisha Conceição Silva Ellen Laura Leite Mungo	
DOI 10.22533/at.ed.71719231211	
CAPÍTULO 12	123
O DISCURSO FEMINISTA NAS PICHAS: UM OLHAR SOBRE O URBANO	
Camilla Machado Cruz Thágila da Silveira Ribeiro Taís da Silva Martins	
DOI 10.22533/at.ed.71719231212	
CAPÍTULO 13	136
TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE NAS VOZES FEMININAS DA OBRA QUILOMBOLAS DO TOCANTINS	
Rose Dayanne Santana Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231213	
CAPÍTULO 14	148
PÁSSAROS DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES	
Carmem Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231214	

CAPÍTULO 15	157
MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA: PROTAGONISMO, RESISTÊNCIA E LUTA Marcos Antonio Braga de Freitas Andréa Freitas de Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.71719231215	
SOBRE A ORGANIZADORA	168
ÍNDICE REMISSIVO	169

PÁSSAROS DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES

Carmem Silva de Oliveira

Carmem Silva de Oliveira, Instituição: Prefeitura Municipal de Uberaba-MG – Brasil - Formada em Letras pela FFCL - Ituverava – SP. Pós-graduada em Língua Portuguesa pela UNICLAR – Batatais – SP e também em Informática na Educação pelo SENAC - Uberaba – MG. Atualmente Diretora da Escola Municipal Celina Soares de Paiva e Tutora do curso de Letras (IFTM ead – Uberaba-MG).
carmemSOR@hotmail.com;

RESUMO: Nesse artigo apresentamos uma análise, nos moldes da resenha temática da obra de Mirjana Morokvasic intitulada “Birds of passage are also women” que representa um dos estudos mais densos e significativos sobre as mulheres em situação de migração. Numa tradução simplória da obra que não foi publicada em português, podemos afirmar que “Os Pássaros de Passagem também são mulheres”. Nessa perspectiva, Morokvasic sugere que os estudos migratórios, na sua grande maioria, negligenciam a participação das mulheres nas migrações internacionais. Nosso objetivo é apresentar uma síntese da obra da referida autora buscando compreender a articulação entre as relações de gênero e as migrações contemporâneas, contribuindo, dessa maneira, com o estudo da temática da feminização das migrações à luz dos Estudos de Gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Feminização das Migrações; Estudos de Gênero; Pássaros de Passagem; Morokvasic.

BIRDS OF PASSAGE ARE ALSO WOMEN

ABSTRACT: In this article we present an analysis, based on the thematic reviews of the work of Mirjana Morokvasic entitled “Birds of passage are also women”, which represents one of the most dense and significant studies on women in a situation of migration. In a simplicity translation of the work that was not published in Portuguese, we can affirm that “Birds of passage are also women”. In this perspective, Morokvasic suggests that migratory studies, for the most part, neglect the participation of women in international migration. Our objective is to present a synthesis of the author’s work seeking to understand the articulation between gender relations and contemporary migrations, thus contributing to the study of the feminization of migrations in the light of Gender Studies.

KEYWORDS: Feminization of Migrations; Gender Studies; Birds of Passage; Morokvasic.

INTRODUÇÃO

O artigo: Pássaros de Passagem Também são Mulheres apresenta estudos sobre a migração, segundo a autora Mirjana

Morokvasic¹, em seu livro “Os pássaros de Passagem também são mulheres” (1984).

Pensar na imigração sem lembrar-se das mulheres seria um ato infundado. Em seu livro, a autora chama atenção quanto à participação das mulheres nas migrações internacionais o quanto tem sido negligenciada e esquecida por pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

Diante deste cenário elaborou-se a hipótese da criação de um artigo aliado às especificidades/dificuldades apresentadas pelas mulheres migrantes e procura buscar a construção de novas perspectivas para a obtenção de melhorias e de um novo olhar para essas mulheres que são na maioria muito sofridas.

O número crescente do fluxo de mulheres que saem de seu país de origem em busca de melhores condições de vida e trabalho cresceu avassaladoramente nos últimos anos. Número esse que era ocupado somente pelos homens, pois a mulher era dada o papel da passividade da espera ou apenas o de acompanhar o marido em seus destinos.

Mulheres que são esquecidas e, ao mesmo tempo são tidas como dependentes dos maridos. Não opinam e nem estabelecem divisão de trabalho entre as partes. Ficando assim, encobertas na categoria “migrante”, considerada gender-blind².

Migram porque seus maridos foram embora e para não acabar a “família”, ou melhor, para gerenciar, cuidar e suprir a família, já que os maridos não os fazem, elas migram também.

No entanto, os estudos sobre o assunto não correspondiam à atual conjuntura de feminização do processo em que os fluxos migratórios se encontram.

Entre os anos 1960 e 2000 o aumento de mulheres migrantes passou de 44,7% para 50,2% do total de migrações internacionais. Dados recentes sobre migração internacional tratam apenas de homens migrantes, essa maior visibilidade numérica das mulheres contribuiu para questionar sua invisibilidade enquanto sujeito nos movimentos populacionais.

Estudos recentes de autores brasileiros já incluem esse número crescente de mulheres migrantes e discutem a ausência e não referência das mulheres nos estudos sobre o tema.

Pensando assim, qual seria o principal motivo para esses fluxos migratórios internacionais? Seria apenas o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de emprego e melhores perspectivas de vida em outras nações ou há outros motivos desconhecidos?

1 Mirjana Morokvasic-Müller é professora e pesquisadora de migração pós-comunista na Universidade de Paris, na França. Foi consultora política para a UNESCO e para a União Europeia e foi decana internacional na Universidade Internacional da Mulher em Hannover, Alemanha, em 2000. Morokvasic-Müller também foi conferencista visitante em Tóquio, Berlim e Grã-Bretanha. Além disso, é co-editora de Teoria e Sociedade, Current Sociology - Sociologie Contemporaine, Migração e Revistas de estudos comparativos est-oeste e Balkanologie.

2 A cegueira de gênero é a incapacidade de reconhecer que os papéis e responsabilidades das mulheres / meninas e homens / meninos são atribuídos ou impostas a eles em contextos sociais, culturais, econômicos e políticos específicos.

No artigo de Gláucia de Oliveira Assis³, “Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”, segundo a autora, trata especificamente dessa questão ao focalizar o movimento de brasileiros, homens e mulheres, da cidade de Criciúma, Santa Catarina, discutem a ausência de referências à presença de mulheres como agentes dos movimentos migratórios nas pesquisas realizadas.

Para a autora também, entre os anos 1960 e 2000 houve um aumento de mulheres migrantes passou de 44,7% para 50,2% do total de migrações internacionais.

Sabemos que a migração internacional promove uma série de problemas socioeconômicos. Em face das medidas tomadas pela maioria dos países desenvolvidos no intento de restringir a entrada de imigrantes, o tráfico destes, principalmente das mulheres tem se intensificado bastante.

Um dos maiores problemas que as mulheres migrantes se deparam devido à indocumentação diz respeito às políticas públicas e às necessidades básicas as quais não têm acesso mínimo, como por exemplo, à saúde, à educação e aos direitos trabalhistas. Com isso trabalham clandestinamente, em mais de um lugar e em horários difíceis de cumprir. Acabam esgotadas, cansadas, saudosas de sua vida no seu país natal, de seus filhos, quando os tem, dos seus entes queridos e sujeitas às depressões e dores da alma. Dores estas que jamais serão curadas, pois foram incrustadas de fora para dentro e remédio nenhum terá o efeito pretendido, o de curar.

O artigo, Pássaros de Passagem Também são Mulheres, será baseado em uma pesquisa-ação centrada na realidade da migração das mulheres e pretende envolver a comunidade acadêmica, com vistas a uma transformação e intervenção no processo de migração dessas mulheres.

Segundo a autora, (Marcia Oliveira 2017)⁴, há perspectivas quanto à luta dessas mulheres, um dos exemplos ela cita em seu artigo, Mulheres afroameríndias e caribenhas na Amazônia no qual ela discorre sobre O Fórum Internacional das Mulheres Afroameríndias e Caribenhas que se pauta na luta contra as desigualdades de gênero com o objetivo de ampliar e fortalecer as organizações de mulheres negras e indígenas construindo estratégias de enfrentamento ao racismo, sexíssimo, discriminação, preconceitos étnico-raciais e as desigualdades sociais.

Ela afirma também que uma das maneiras para conscientização dessas mulheres é através de encontros de estudos, cine-debates e conferências, e, de maneira especial de seminários temáticos.

Toda a base da pesquisa-ação que é um tipo de pesquisa social com segmentação empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com

3 Gláucia de Oliveira Assis. 746 Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 745-772, setembro-dezembro/2007. O aumento dos deslocamentos populacionais.

4 Márcia Maria de Oliveira: Pós-Doutora em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF/UFRR), Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA / UFAM), Mestre em Gênero, Identidade e Cidadania (Universidad de Huelva - Espanha).

a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ao longo do ano, esse artigo contará com várias etapas onde a pesquisa-ação ajudará com gráficos e com o cálculo de números de mulheres imigrantes que vivem principalmente nos Estados Unidos. Diante de estudos feitos dos autores, teremos como metodologia utilizada para a concretização deste artigo a observação, a sondagem de dados, a pesquisa ancorada em revisão bibliográfica sobre o tema.

Já (Alves-Mazzoti, Gewandszanajer 1998):

Discorrem sobre a coleta/tratamento dos dados, que exigem interpretação durante o processo, o qual naturalmente geram teorizações progressivas quando se identificam as relações/temas no decorrer daquelas fases, o que pode levar a inferências e a produções de novas questões (exigindo, por sua vez, levantamento de dados derivados, que venham corroborar tais incidências).

E (GIL, 2009) cita a etapa considerada qualitativa do artigo e o critério adotado foi o da “saturação de dados”.

A partir destes métodos e das observações feitas em campo, pretende-se travar um debate a respeito dos problemas enfrentados pelas mulheres em relação à migração e a sua submissão perante a sociedade.

As mulheres migrantes continuam desempenhando um papel de submissão no âmbito familiar e no âmbito laboral, sendo este, caracterizado pela divisão sexual do trabalho. Carregadas de estereótipos de gênero e naturalizações hierarquizantes, as tarefas consideradas femininas são largamente associadas aos afazeres ligados ao cuidado, à atenção, à delicadeza, à limpeza... etc. (GREGORIO GIL, 2007). No início do século XXI, as questões e temáticas colocadas pelo crescimento dos fluxos internacionais nos instigam a lançar um olhar mais arguto à maneira como homens e mulheres se inserem nos fluxos migratórios, o grande número de trabalhadoras, buscando demonstrar diferentes estratégias de migração e inserção no mercado de trabalho.

Nos Estados Unidos essa área de trabalho reservada às mulheres é apenas dos trabalhos domésticos. As “mulheres esposas” se dedicam a jornadas de trabalho de cerca de quinze horas diárias ou mais, fazendo faxinas em casas de família. Muitas vezes essas mulheres deixam de lado seus filhos que ficaram no Brasil, sua família, sua profissão, seu diploma superior para exercerem essas funções. As regiões mais buscadas são de Boston, New Jérsei e Nova Iorque.

Aquelas que migram sozinhas e solteiras a procura de uma vida melhor e de melhores salários, logo se entristecem e caem no mundo das bebidas, do sexo fácil das baladas e das drogas.

Não “guardam” o penoso dinheiro e logo ficam à mercê de uma vida indigna apenas de trabalho e sofrimento. Nessa sociedade de migração num contexto de cerceamento

cada vez maior das fronteiras. Assim, o artigo de Carmen Gregório Gil, “Trabajando honestamente en casa de familia: entre la domesticidad y la hipersexualización”⁵, analisa, através de uma pesquisa etnográfica, as diferenciações das representações de gênero, parentesco e sexualidade de homens e mulheres migrantes na República Não “guardam” o penoso dinheiro e logo ficam à mercê de uma vida indigna apenas de trabalho e sofrimento. Nessa sociedade de migração num contexto de cerceamento cada vez maior das fronteiras. Assim, o artigo de Carmen Gregório Gil, “Trabajando honestamente en casa de familia: Dominicana e em Madrid, na Espanha”. Teresa Kleba Lisboa, “Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência” discute fluxos migratórios de mulheres procedentes dos países do Terceiro Mundo, que se dirigem para os países do Primeiro Mundo, onde trabalham como empregadas domésticas, constituindo uma “globalização da assistência”.

O pensamento de todos os autores é unânime, que os Estados financiem políticas públicas destinadas às mulheres e às suas famílias de modo a garantir a sua permanência nos seus países de origem.

Adriana Piscitelli, em seu livro: “Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’ internacional” discute as categorias de diferenciação presentes em casais constituídos por brasileiras, que abandonaram a indústria do sexo, e os seus maridos italianos. Residem nesse país europeu, trabalham e garantem o seu sustento e de suas famílias independentes.

Esses artigos expressam uma pequena parcela dos estudos e pesquisas que vêm sendo realizados sobre a temática. No entanto, traçam um quadro da inserção das diferentes origens étnicas e nacionais em diferentes contextos e situações, sugerindo um olhar mais crítico e atento para a feminização das migrações internacionais e todas as suas consequências sociais, culturais e políticas.

A autora: Vanessa Gomes Zanella, em seu artigo: As condições de vida e trabalho de costureiras em São Paulo: uma aproximação com migrantes bolivianas que aponta os determinantes para o aumento significativo dos fluxos migratórios oriundos da Bolívia com destino ao Brasil e realizados por mulheres. Trabalho esse de costureiras, mulheres desamparadas frente à indocumentação e às opressões de gênero de que são vítimas. Foram feitos apenas os estudos recentes feitos apenas os estudos recentes do assunto, mas também uma vivência no microcosmo social em que as imigrantes se inserem na cidade de São Paulo.

A América Latina como um todo, na década de 1970, encontrava-se num contexto de transição, pois ambicionava um rápido desenvolvimento através da abertura de seus mercados para então agregar-se à nova ordem internacional ditada pelos mercados internacionais, pelo capitalismo global.

Para corresponder à demanda do novo sistema global e se aproximar das economias mais avançadas, os países latino-americanos aceitaram os altos riscos do

5 Carmen Gregório Gil y Martha Patricia Castañeda Título: La antropología feminista en América Latina y España: Balances y Perspectivas Páginas: 355.

projeto.

De fato, a América Latina integrou-se na nova economia global, unindo os mercados financeiros e passando por diversas mudanças em sua base econômica, mas a integração se deu de forma desigual, com altos custos sociais e econômicos na transição. (CASTELLS, 2001). Rotular a imigração como um simples deslocamento de mão-de-obra é anular todos os aspectos da vida humana que envolve o fenômeno, é simplificar um processo complexo que abarca as mais diversas esferas dos sujeitos. Dentre elas, as relações de gênero, que, na sociedade atual, hierarquiza e atribui a homens e mulheres papéis que se espera serem desempenhados, mesmo que isso signifique e subordinação e a opressão das mulheres.

Como objetivo geral é primordial analisar e aprofundar o estudo desse projeto *Pássaros de Passagem Também são Mulheres* para abrir um leque de perspectivas para sanar os problemas aqui apresentados.

Aplicar a construção/elaboração do projeto, com levantamento de gráficos bibliográficos sobre a imigração da mulher para os Estados Unidos e para outros países latino-americanos.

A aquisição de conhecimentos acerca do tema e considerando que a todos é permitida a reformulação de objetivos, a renovação de compromissos, a reelaboração de fundamentos, a reorientação e a atualização de ações concretas para que, coletivamente, todos possam atinja um desempenho desejável com a implementação e execução deste projeto.

Para (THIOLLENT, 2005):

O autor fala que o planejamento requer uma proposta interventora, desde que o que se quer é uma sintonia fina na relação sujeito/objeto em direção às afinidades existentes entre teoria/prática, “pretende-se aumentar [...] o ‘nível de consciência’ das pessoas e grupos considerados”.

Para que este projeto de se torne concreto ele deverá ser iniciado/ incentivado desde o primeiro dia de aplicação e que seja explanado com toda a comunidade acadêmica, pois as mulheres imigrantes continuam desempenhando um papel de submissão no âmbito familiar e no âmbito laboral.

Nas sociedades as mulheres acabam por ocupar cargos desvalorizados, como empregadas domésticas; cozinheiras; babás ou garçonetes que exigem um árduo trabalho em troca de um exíguo rendimento mensal. Outras tantas vezes inserem-se num outro mercado de séria desigualdade e opressão: o mercado sexual. (LISBOA, 2007, p. 808).

Elas sofrem todas as formas de discriminações pela sociedade receptora, sofrem opressão de gênero, de raça e etnia. Isto porque, as precárias condições de vida (trabalho, habitação, saúde, educação, formação, a fraca inserção na sociedade de acolhimento e outros tantos problemas culturais e psicológicos) com que a imigrante se debate são acrescidos daqueles que resultam da sua condição de mulher, e

ainda, no caso concreto de atitudes discriminatórias e xenófobas com base na cor da pele e outras características do seu tipo humano, de que tantas vezes são vítimas. (TOLENTINO, 2006, p.3).

Vale ressaltar que o papel de inferioridade é atribuído às mulheres antes mesmo de nascerem. Onde a supremacia masculina passa por um processo de socialização e internalização de papéis construídos sociais e historicamente impondo às mulheres o lugar da subalternidade. “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1980).

No caso das mulheres, quando há oportunidade de emprego, há uma jornada de trabalho exaustiva, o salário não é fixo e a flexibilização da jornada bem como o pagamento são claramente menor do que a dos homens. Para as casadas com filhos, à situação é ainda pior, pois em suas mãos está a administração da cozinha, o que significa a compra e a preparação dos alimentos, além do cuidado dos filhos, da roupa e outras responsabilidades. Assim sendo, como constatou Thompson, o ritmo de trabalho da mulher do lar ainda obedece aos parâmetros de sociedade pré-industrial (cf. E. P. Thompson, op. Cit., p.270). (SILVA, 1997, p.143).

A autora, Mirjana Morokvasic, expõe histórias vividas por vários “Pássaros de Passagem” mulheres massacradas pelo trabalho excessivo e pelas opressões vividas no cotidiano. Eleonore Kofman inspirada na mesma autora, em seu artigo que tem partes da autora citada: “Female Birds of Passage a Decade Later: Gender and Immigration in the European Union - Vol. 33, e Summer (1999 pp. 269-299)”. Mulheres são Pássaros de Passagem uma década depois: a imigração na União Europeia.

Expõe com exatidão depoimentos a partir de formulários que muitas mulheres preenchem no departamento de imigração europeia. Com base nesses formulários ela fez pesquisas de campo levantando os possíveis caminhos que as levaram para a migração.

Estudou casos de famílias inteiras que deixaram seus países em busca de emprego e de dar uma vida digna aos que ficaram. Uma década depois junto com a autora Mirjana Morokvasic (1984), editam um artigo especial *International Migration Review* “Birds of Passage” com expressiva atenção ao número cada vez mais da população feminina nas migrações internacionais.

Dez anos depois se deparam com as mesmas situações vividas pelas mulheres e com um número cada vez maior de imigrantes indocumentados na Alemanha especialmente Morokvasic. Em toda a sua literatura e pesquisa sobre a migração, critica o serviço internacional de ajuda ao migrante, às mulheres geralmente são tratadas falta de consideração, sem privacidade e sem habilidades. Negando assim a sua permanência no país.

Avalia criticamente as contas dominantes da sequência de migração laboral e de reagrupamento familiar e defende que é hora de recuperar a heterogeneidade das experiências passadas migratória das mulheres em nossa compreensão de padrões

européus de imigração do pós-guerra.

Examina a migração familiar, que abrange diversas formas de reagrupamento familiar e formação que, embora a forma dominante de imigração legal na Europa desde a década de 1970 tem recebido pouca atenção. Explora também as implicações da diversificação da migração feminina contemporânea na União Europeia e defende a necessidade de se levar em conta a realidade da mudança dos padrões de emprego, as famílias e as estruturas sociais para avançar nossa compreensão da imigração europeia.

Na última década, as lições desses estudos variados têm apenas parcialmente a intenção de filtrar lentamente informações através dos Formulários de processos migratórias. Conhecer a vida dessas mulheres, sua importância na manutenção da família, inspirados nas variações migratórias em tantas áreas da vida social.

O estudo de mecanismos que levam à migração feminina e suas consequências para as mulheres esboçando uma contínua pesquisa entre as mulheres envolvidas. Na Europa fizeram revisão da migração (Collinson, 1993, Fassmann e Munz 1994);

A ausência de qualquer discussão sobre a participação das mulheres sustentam em diversas formas de migração e a tenacidade dos modelos tradicionais discutidos. As mulheres têm participação ativa no trabalho, no sustento de seus filhos e na sociedade. Em adição vem também o trabalho da mulher negra que na maioria das vezes não é reconhecida, sofrendo assim a exclusão pela cor, o racismo preconceituoso de sua condição humana.

Cabe ressaltar também, que em todas as épocas, as migrações levantaram desafios para os países, para as sociedades locais ou regionais e para a comunidade internacional. Esses desafios constituem uma gravidade na atual conjuntura, pois o drama vivido principalmente pelas mulheres migrantes é inimaginável.

Urge uma mudança de perspectiva global no tratamento às mulheres migrantes necessariamente para entender a problemática das migrações como uma realidade indiscutível e desafiadora, que leve em conta o respeito aos direitos humanos em sua totalidade.

Acredita-se que a priorização da formação de ações autônomas com maior participação política de todos com o diálogo entre os diferentes segmentos é o um caminho a seguir.

E, a busca constante de investimentos na pesquisa permanente da formação de profissionais comprometidos será relevante para a conscientização dessas mulheres e sua importância na sociedade, seja nos Estados Unidos, nos países europeus, no Brasil ou onde ela estiver.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judite; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e Mulheres migrantes no presente: gênero no presente: gênero, redes sociais, redes sociais e migração internacional e migração internacional**. 1995 – UFSC, Florianópolis, SC.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COLLISON, D. and Hearn, J. (1994). **Naming men as men: implications for work, organization and management'**, *Gender, Work and Organization*.

FASSONN e Munz. **Migration in European History** 1994.

GIL, Carmen G. **Trabajando honestamente en casa de familia: entre la domesticidad y la hipersexualización**. *Revista Estudos Feministas*, V.15, nº 3, set/dez. 2007.

GREGÓRIO, Carmen Gil y Martha Patricia Castañeda Título: **La antropología feminista en América Latina y España: Balances y Perspectivas**.

KOFMAN, Eleonore, **Female “birds of passage” a decade later: gender and immigration in the European Union**. 1999.

LISBOA, Teresa K. **Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência**. *Revista Estudos Feministas*. v.3. n. 15. p. 805-818. 2007.

MOROKIVASIC, Mirjana. **Birds of passage are also women**. *International Migration Review*, v. XVIII, Nº 4, Paris, 1984.

OLIVEIRA, Márcia Maria, **Mulheres afroameríndias e caribenhas na Amazônia** - <http://amazonasatual.com.br/mulheres-afroamerindias-e-caribenhas-na-amazonia> - 03/2017.

PISCITELLI, Adriana - Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, UNICAMP - **Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual”** 2007.

SILVA, Sidney Antônio Da. **Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

THOMPSON, Edward. **Making History**. Writings on History and Culture. New York: New York Press, 1995.

TOLENTINO, Alcestina de O. **As imigrantes caboverdeanas em Portugal – Caminhos para a integração**. Lisboa: 2006.

ZANELLA, Vanessa Gomes. **As condições de vida e trabalho de costureiras em São Paulo: uma aproximação com migrantes bolivianas** 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Pedagoga, IFSP – Câmpus Araraquara. Doutoranda em Educação Escolar – UNESP- Araraquara. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Construção 1, 7, 9, 14, 20, 21, 22, 27, 28, 32, 37, 39, 42, 49, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 61, 76, 78, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 116, 117, 118, 122, 127, 137, 138, 142, 149, 153, 159

Cultura local 116

D

Direitos humanos 16, 18, 32, 41, 71, 79, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 120, 155

Direitos humanos das mulheres negras 92, 93, 99, 101, 102

Diversidade humana 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 108

E

Educação 18, 45, 46, 47, 48, 68, 69, 72, 74, 76, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 110, 111, 113, 114, 116, 119, 148, 150, 153, 164, 165, 166, 168

Educação escolar 76, 168

Escrita de si 53, 63

Estudo de doutorado 86

Estudos feministas 17, 19, 20, 28, 29, 52, 91, 102, 103, 123, 135, 150, 156

Existência social dos negros e das mulheres 92, 93

Experiências educativas 86

Experiências lesbianas 86, 88

F

Família 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 41, 45, 46, 50, 56, 60, 79, 83, 88, 90, 146, 149, 151, 155, 165, 167

Feminina 4, 15, 26, 32, 34, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 91, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 131, 133, 154, 155, 159

G

Gênero 3, 9, 12, 15, 16, 18, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 121, 122, 123, 129, 135, 136, 137, 138, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167

H

Hipervisibilidade 86, 88

História 3, 9, 15, 17, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 33, 43, 44, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 80, 86, 88, 91, 94, 97, 101, 118, 119, 121, 122, 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 158, 162, 166, 167, 168

História oral 19, 21, 29, 30

Histórico 1, 6, 9, 32, 65, 92, 93, 96, 106, 108, 117, 119, 139, 146, 159, 160, 162

Homossexual 2, 17, 18, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Homossexualidade 18, 53, 56, 61, 63

I

Identidade de gênero 34, 42

Identificações masculinas 86, 88

Ideologias segregadas 104, 105, 114, 115

Imprensa 29, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Imprensa lésbica 53, 54, 56, 63

Inclusão 28, 66, 69, 72, 78, 79, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 121

J

Jovens 71, 72, 92, 99, 101, 143

Jovens negras 92, 99, 101

Jurídico 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 37, 41, 50, 82

L

Legislação 12, 15, 31, 40, 104, 108, 109, 110, 114, 115, 136, 161, 162

Legislação brasileira 104, 108

Lesbianidades 53, 55, 56, 57, 62, 86, 87, 88, 91

M

Marcações de diferença 92, 93

Marcadores sociais da diferença 60, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 102

Marinha do Brasil 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30

Masculinidade feminina 86, 87, 88, 91

Memória coletiva comum 116

Mulheres 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167

Mulheres negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 144, 150

N

Narrativa 20, 21, 25, 26, 59, 60, 61, 117, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 144, 146, 150

O

Organizações 6, 19, 20, 27, 29, 42, 43, 57, 67, 104, 105, 106, 107, 110, 113, 114, 115, 150, 161, 163, 164, 167

P

Patriarcado 33, 67, 75

Pedagogo empresarial 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114
Performatizações de gênero 86, 87, 90
Pessoas com deficiência 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115
Poder 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 66, 80, 88, 90, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 124, 133, 135, 139, 143, 145, 146, 159, 163, 166, 167
Política criminal 31, 34, 35, 37, 40
Políticas públicas de gênero 28, 42
Pós-verdade 1, 19, 31, 42, 53, 64, 65, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 104, 116, 123, 136, 148, 157
Processo histórico 92, 93, 106, 108, 159, 160

R

Raça 15, 34, 52, 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 140, 144, 145, 153
Racismo 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 103, 150, 155
Representação 15, 16, 64, 65, 88, 98, 116, 117, 121
Resistências 3, 16, 26, 46, 82, 98, 104

S

Sexismo 32, 92, 93, 94, 96, 99, 102, 103
Sistema prisional 31, 34, 40

T

Trajetória educacional 86, 87
Trajetórias profissionais 19, 20, 24

V

Vida de mulheres lésbicas 86
Violação de direitos 31, 32, 40
Visibilidade 15, 28, 45, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 90, 102, 108, 146, 149, 157, 166

